VII ANNO — TERÇA-FEIRA, 22 D'OUTUBRO DE 1867 — N.º 699

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador. estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

Foi nomeado official da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, o digno par do reino, o sr. Rebello da Silva, pelos seus vastos conhecimentos e notavel merito litterario, comprovado pela publicação da «Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII» e outras obras e escriptos de não menor valia.

Ainda se não publicaram os despachos para a secretaria dos estrangeiros.

Falla-se na sahida do diplomata hespanhol, pois o sr. Fontes insta por uma satisfação.

São pouco pacificas as noticias externas.

A questão romana está brevemente a decidir-se favoravel á causa da Italia.

As ultimas noticias externas que temos confirmam a invervenção franceza no negocio de Roma, apezar de ainda não darem a sahida da expedição de 10:000 homens que se acha em Toulon.

Augmentam consideravelmente as forças garibaldinas.

— No *Diario* não ha nada de notavel.

AINDA O NOSSO ESTADO FINANCEIRO

Já n'outro número d'este jornal falámos relativamente ao triste estado em que se acham as nossas finanças, e tratámos de demonstrar que elle era bastante ameaçador.

Quando escrevemos, porém, ainda não presumiamos que elle fosse tão ameaçador como agora se nos vae figurando.

As provas daquella triste verdade vão apparecendo, e os factos não só a vão corroborando, mas até demonstrando-a mais do que esperavamos.

O jornal francez — *Situation* = falla a este respeito da seguinte fórma:

«O governo portuguez trata de acudir « aos embaraços e perigoso estado da com- « panhia dos caminhos de ferro de norte « e leste, ou por subvenção, ou por meio « de garantia de juro.

« Ao mesmo tempo se diz que o sr. « ministro das obras publicas fará valiosas « concessões á companhia de sueste, por « que não as fazendo fecha-se a bolsa de « Londres aos fundos portuguezes.»

A' vista d'um argumento d'estes, quem não deixará de temer o estado lamentavel da nossa fazenda? Qual será o verdadeiro portuguez que não derramará sentidas lagrimas, antevendo o funesto destino, e a triste sorte deste infeliz Portugal? Qual será o portuguez, dotado de verdadeiros sentimentos patrioticos, que não tema a proxima ruina da patria de Camões? Quem não temerá que Portugal, que sempre amou a sua livre independencia, e que foi outr'ora uma terra d'heroes, em breve se veja forçado a deixar-se subjugar por qualquer potencia estrangeira?

Mas infelizmente apezar de que todos saibam aconselhar o remedio para um tão triste mal, ninguem dos que podem applicar-lh'o, lh'o tem applicado até hoje, antes lhe tem aggravado esse mal!

O que vêmos todos os dias é augmentarem-se as despezas e não se crearem novas fontes de receita.

As decimas e contribuições são bastante pesadas, mas não chegam para as despezas, porque são exorbitantes e superfluas.

O nosso governo, que devia, primeiro que tudo, tratar de remediar este mal, não o tem feito, antes por o contrario o tem aggravado ainda mais.

Prometteu economias que não tem feito nem de certo fará, mas não se esqueceu, como os governos seus antecessores, de sobrecarregar o povo com novos e pesados tributos.

Onde irá isto parar? Qual será o abysmo para onde caminhâmos?

Para a *bancarrota*, dirão alguns, mas infelizmente será mais certo caminharmos para a proxima perda da nossa independencia.

Digam o que quizerem. Um governo assim não póde ter nem nunca terá as sympathias geraes da nação, nem nunca será olhado como um governo popular e verdadeiramente patriotico.

Póde olhar com orgulho para a grande maioria parlamentar, e julgar-se por isso seguro, porque tem seguros os votos das camaras; mas o paiz em geral ha de sempre censural-o e ha de desejar a sua quéda.

Não dizemos isto porque o ministerio é composto d'estes individuos, qualquer ministerio que estivesse, logo que não tratasse de remediar o mal que nos ameaça a nossa quéda, seria egualmente censurado.

Todos os nossos estadistas, quando veem para o ministerio, promettem reformas e economias. As reformas fazem-se, mas as economias nunca.

Fez-se a reforma das alfandegas, que trouxe á nação uma avultadissima despeza.

A reforma administrativa não traz ao governo economias. E assim como são estas são as outras reformas.

Este mal já não é só d'este governo. E' muito antigo, tornou-se chronico, e por isso parece que é incuravel.

Mas não é assim. Não dizemos que seja censuravel radicalmente, mas ao menos poderia ser em parte remediavel.

Se houvesse um governo que a serio, com verdadeira dedicação, e verdadeiro amôr patrio, tratasse de remediar estes males, economisando quanto fosse possivel, elles não chegariam o tão lamentavel estado. Mas vemos que todos os governos tratam de desperdicios, e não de economias.

Qualquer ministerio quando sóbe ao podêr, trata primeiro de despachar os seus afilhados, e adeptos, arranjando empregos para homens, e não homens para empregos, e para se conservar no poder vae satisfazendo a um ou outro deputado de cujo voto precisa, e que quer que este ou aquelle que melhor figurou como galopim eleitoral, tenha um talher á mesa do orçamento.

Quem negará que isto é uma verdade, e que estes factos são vistos todos os dias?

Se estas cousas continuarem de certo que Portugal não poderá por muito tempo ter o nome de nação livre e independente.

O.

Confirma-se que Anadía subsistirá como comarca, não attendendo o governo á consulta da junta geral de Coimbra, que propunha a mudança da séde da comarca para a Mealhada.

Tambem se affirma que não é extincto o concelho d'Albergaria, caso que se não dá com o d'Oliveira do Bairro, do qual veem algumas freguezias para o d'esta cidade.

Lembrámos á camara a necessidade de mandar proceder ao calcetamento das principaes ruas da cidade, e ella pelo seu orgão — *O Campeão* — responde-nos: que seria injusto gastar todo o rendimento municipal, destinado a melhoramentos materiaes, nas calçadas da cidade, e que á camara faltam recursos para emprehender esta obra.

Vejamos os fundamentos desta opinião desarrasoada, e procuremos saber como se gastam os reditos municipaes.

Durante os biennios de 1862 a 1865 gastou a camara no passeio publico cerca de oito contos de réis, isto é, dois contos por anno approximadamente. Então não pareceu á camara injusto gastar tanto na cidade, e em obra de mero luxo, agora reflete que as freguezias ruraes do concelho tem egual direito aos melhoramentos municipaes. Logica de tarraxa.

Não prova o argumento com que se querem desculpar de haverem votado o calcetamento das ruas ao mais completo despreso, e mais ainda porque sendo a verba destinada ás estradas municipaes gasta nas freguezias ruraes, muito mais direito tem a cidade a uma compensação justa, e porque em calceteamento de ruas são deseguaes as necessidades quando se compara uma cidade com uma aldeia

Ha dois annos que a cidade não é contemplada com melhoramentos municipaes, e ha oito que se não cuida de calçadas; em taes circumstancias nenhum dos nossos visinhos viria protestar contra uma obra da cidade, que todas as rasões justificam.

Tambem nós achâmos justo que os melhoramentos municipaes sejam equitativamente distribuidos pelo municipio; mas nem a injustiça se dá no caso em questão, nem a camara tem seguido esses principios aliás justos. Que o diga a freguezia de Eixo, que desde 1860 viu gastar em melhoramentos municipaes a *avultada* quantia de 5$000 rs.!

De que servem esses melhoramentos que apregoaes, e em que enterrasteis os rendimentos publicos, se as estradas que a elles conduzem se estão tornando intransitaveis? Que vale a iniciativa particular em procurar aos habitantes de Aveiro meios de facil transporte, se as calçadas são obstaculo invencivel a todo o progresso? O que importam as bellezas topographicas desta cidade se os visitantes a ellas attrahidos fogem espavoridos ante umas calçadas inhospitas?

Respondam-nos com consciencia.

Encaremos agora a questão pela outra face.

O *Campeão* declara que a camara não tem meios para fazer face ao calceteamento da cidade, dando como rasão o serem excessivas as despezas obrigatorias e subtrahido do orçamento o terço para estradas municipaes.

Ora como o terço só é tirado nos rendimentos proprios do municipio, andando por cerca de um conto de réis ao anno, e como o orçamento da camara de Aveiro é de dez contos de réis, ficam nove contos que para muito deviam chegar. Descontem se dois contos de réis para empregados e um para expostos e ficam para melhoramentos municipaes cerca de seis contos

E' esta somma que o *Campeão* chama insignificante. Insignificante uma somma de seis contos de réis no anno para um concelho de 4:000 fogos e nas melhores condições de administrar!

Seis contos de reis é uma somma insignificante para a vereação actual que não teve pejo de dar em conta 1:200$000 réis por trez metros cubicos de pedra apparelhada.

Seis contos de réis é uma somma insignificante para a presente vereação que gasta mais de um conto de réis na illuminação da cidade que nunca chegou a réis 500$000.

Seis contos de réis é uma somma insignificante para a camara de Aveiro que vae gastar 3:000$000 na casa da escola do benemerito conde de Ferreira, quando estas casas tem sido arrematadas pelos outros municipios entre 1:200$000 a 1:800$000 rs.

Quando por esta fórma se gastam os rendimentos municipaes 6:000$000 de réis são realmente uma somma insignificante e não deixam sobras para o calcetamento das ruas da cidade.

Y.

Appressâmos-nos a dar os seguintes documentos:

SR. REDACTOR

Em nome da commissão que promoveu as ultimas corridas de touros, peço a v. o especial obzequio de publicar no seu acreditado jornal, as contas juntas (cujos documentos se acham patentes na minha loja á praça) e a carta que as acompanha, dirigida ao sr. presidente da direcção da Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas.

Aveiro, 17 de outubro de 1867.

O secretario da commissão

João José dos Santos Leite.

Illm.º sr.

Temos a honra de levar á presença de v. s.ª a conta da receita e despeza das seis corridas de touros, promovidas por esta commissão, nos mezes de junho e julho do corrente anno, em beneficio da associação

---

Folhetim

DISCURSO

dedicado

A' memoria de JOSÉ ESTEVÃO

POR

Francisco de Magalhães (*)

A MEU TIO FRANCISCO DO NASCIMENTO DA SILVA BARBOZA

Pleurez donc sur ces faibles restes de la vie humaine, pleurez sur cette triste immortalité que nous donnons aux héros; mais approchez en particulier, ó vous qui courez avec tant d'ardeur dans la carriére de la gloire!

(*Bossuet, na oração funebre de Condé.*)

Impresso em nossos peitos vive ha muito;
Que em cada coração lhe ergue a saudade
Um busto, um mausoleu, e talvez um templo.

(V. D'ALMEIDA GARRETT — O MON.)

As grandes almas, os grandes genios, e os elevados espiritos não morrem! Que importa que á terra fria desça, envolto em funebres crepes, o corpo inanimado, se em nossos corações imprime a saudade a sua imagem, nos retrata a mente os seus gestos, e nos recorda a memoria a fama de que se hão acercado!

Mas como é pungente e dilacerante o quadro a que o bafejado pelo talento, fulminado por um raio d'essa luz divina que irradia fulgida, bem como o mais fadado aos rigores da desgraça, tem de submetter-se!...

A immortalidade dos grandes homens é uma verdade intuitiva.

A historia encarrega-se de nos transmittir as invejadas virtudes, as heroicas acções, os arriscados commetimentos, as generosas ideias, os patrioticos feitos, os benemeritos serviços, os eximios talentos, e as obras d'aquelles que hão merecido occupar logar distincto em suas paginas d'ouro! Mas não só ella nos narra esses raros dotes, mas tambem nos patenteia os vicios, a traição, a tyrannia e o despotismo, para nos desviarmos desta transviada senda de que recorda os pricipicios, abysmos e horrores.

Por isso lêmos nos seus fastos os nomes augustos de Cezar, a par de Nero, de Salomão, a par de Herodes, de Constantino, de Cicero, de Demosthenes, D. Affonso Henriques, do Gama, de Napoleão, de D. Pedro V, de Passos Manuel, e em fim o do nosso patricio, nosso amigo e protector o sr **José Estevão Coelho de Magalhães!**

Se apoz tantos varões illustres elle se nos apresenta não é por menor jus que tenham as suas virtudes civicas, o seu patriotismo, as suas acções, e o seu elevado talento, mas por ainda ha pouco, para nossa fatalidade, cerrar-se sobre elle a frigida pedra sepulchral.

Com a espada trabalhou denodado para nos dotar com a liberdade, comprada á custa de generoso sangue, vertido nos muros da cidade eterna, nos campos d'Asseiceira, em Angra do Heroismo, onde tremulou, desprendida á viração, a bandeira bicôlor, despedaçando os grilhões dos arroxeados pulsos dos lusos, que gemiam sob o pezo do mais oppresivo despotismo.

Com a palavra evangelisou os seus mais santos principios, por isso que, tendo arriscado a sua existencia, posto peito ás balas, suportado os maiores sacrificios, e dado em seu favor quanto possuia — corpo, alma e coração — sabia o preço elevado que custára, e os beneficos fructos que á patria escravisada trazia.

Depois de já hasteado por todo o paiz o liberrimo pendão, depostas as armas, começou de manifestar os seus peregrinos dotes oratorios no seio da representação nacional, advogando com voz eloquente e energica os melhoramentos da terra natal, incitando os governos a promovel-os, tratando do seu desenvolvimento moral e material, e voltando todas as attenções para ella — a predilecta Aveiro!

Seria... Era uma ingratidão, e indisculpavel, que corações onde reside o enthusiasmo, amor, crenças e as grandes esperanças do futuro, em nós que mais que todos os seus habitantes tanto lhe devemos, pois se não fôra elle, não possuiriamos este vasto e soberbo edificio, gloria nossa, e inveja de todos os nossos irmãos nas lides do estudo, deixassemos — reverentes ante a sua memoria — de levantar ainda que singelo e conforme com nossas forças um monumento.... monumento na nossa mente, por que isto nada mais é do que lembrança pelo valioso serviço que nos prestou.

Um grande pensamento de gratidão, traduzido n'este pequeno tributo para tamanho genio, pequeno na ostentação das galas do marmore, granito ou bronze, mas grande, grandiloquo por ser a representação fiel d'aquella physionomia fagueira, intelligente, e sympathica, d'aquelles labios por onde jorraram torrentes d'eloquencia, que arrebatavam as massas, e como que as identificava com seus pensamentos, d'aquelles olhos que faiscavam quando o enthusiasmo o enlevava nas azas do mais puro e mais forte sentimento, ou quando, indignado por leve offensa, tirava da mais minima circumstancia argumentos, d'occasião, que pela originalidade o tornavam inexcedivel em improvisos, d'aquella fronte vasta e altiva, que fórma um conjuncto tão uniforme com o rosto, que resultava d'elle aquelle dom de captivar, d'atrahir, e por assim dizer d'arrastar apoz si os que o escutavam! Grande, porque não é a vaidade que se ergueu a levantal-o, mas o — reconhecimento. Grande! por isso que quem, durante o curto espaço d'exilio na terra, desprezou os ouropeis do orgulho, as distincções facticias da sociedade, que menos valor deu ao ouro do que ás obras, mais ao seu nome do que ás honras, que teve um funeral como os dos grandes no talento, na abnegação, e no martyrio, qual outro do heroe desterrado, devia ter por monumento não as pompas do cinzel, manobradas pela mão do fausto, mas as do pincel, traçadas por mão d'artista tão sujeito aos tiros da inveja, como o fôra elle, tão singello no nome, mas notavel em suas producções!

Mas se os serviços incontroversos que nos prestou, á patria e a este districto são d'uma importancia que só a sua falta — para sempre sentida, jámais substituida — lhe saberá dar o alcance, não merecerão maior penhor para transmittir á posteridade o quanto foi preciso para tanto conseguir?! De certo. Porém não cabe em nossas forças isso que reconhecemos imperioso dever.

Se devemos um grande beneficio á sua proficua iniciativa, é certo que mais avultados são outros que com mão profusa espalhou por esta nossa terra! Nós, apenas commemorâmos o seu nome para a perpetuidade dos annos, e n'isto retribuimos conforme nossos poderes; a patria está lhe em divida, que bem tarda em pagar-se-lhe, e talvez esqueça á sombra deste protesto de reconhecida homenagem e preito ao seu genio civilisador e liberaes ideias.

Brotada esta nobre aspiração de corações juvenís, discutido o modo de a levar a effeito, votados os meios, dispostas as cousas, faltava o principal — quem se incumbisse da acquisição do retrato. Lembrança feliz surge a um dos iniciadores! E' pronunciado o nome do mais dedicado, predilecto e intimo amigo d'aquelle que deplorâmos, o illm.º sr. José Martins Raposo, que é viva e calorosamente acolhido, e escripta que lhe foi uma carta não tardou a resposta, na qual cheio de prazer, de contentamento, e saudades, nos recebia em seus braços, animando-nos, e ajudando-nos neste commetimento que era para elle uma bonita e briosa acção! E se não fôra este poderoso auxilio, esta vontade firme e perzeverante, este espirito esclarecido e conhecedor os obstaculos seriam insuperaveis, os sacrificios eram baldados, e a vontade, inabalavel que era, teria de seccumbir! Graças ao zelo inexcedivel d'esse verdadeiro amigo, admirador e patricio! tudo se concluiu, e com o melhor e mais feliz exito.

Nós e elle estâmos quites á memoria saudoza do filho do caridoso, benemerito e popular sr. Luiz Cypriano, cujo nome não se profere sem que as lagrimas deixem de correr dos olhos que o viram espalhar o que adquiria pelos necessitados, desvalidos, e por onde a mizeria se rojava, além da consolação que dava aos infelizes que nas vascas da morte caritativamente visitava e soccorria. Grande alma! De tal arvore não podia brotar senão tal fructo!!

AVEIRO, 21 D'OUTUBRO DE 1866

(*) O auctor por justos motivos não pôde recitar este discurso na inauguração do retrato ao grande orador a qual se verificou em 21 de outubro do anno passado, para que o destinava.

aveirense de soccoros mutuos das classes laboriosas.

Pela mesma conta se vê que o saldo que d'essas corridas se liquidou em favor da associação foi de 239$375 réis.

Acompanham estas contas 212$775 rs. em dinheiro, e uma relação de diversos cavalheiros que ainda se acham em divida dos camarotes que se dignaram tomar na importancia de rs. 26$600.

Estas duas verbas prefazem a referida quantia de 239$375 rs. que a commissão tem o prazer de levar ao poder de v. s.ª e da direcção a que preside, a fim de ser encorporada ao fundo da Associação, a que todos nos presâmos de pertencer.

Muito a contra-gosto seu, esta commissão foi obrigada a demorar até hoje a apresentação destas contas, e entrega do saldo apurado. Era, porém, seu desejo fazel-o sómente depois de cobradas todas as dividas, e completamente saldada a sua importancia. Tolheu-lhe esta determinação a ausencia prolongada d'alguns dos devedores. Entendeu portanto que não devia protelar por mais tempo o cumprimento d'este rigoroso dever, e que lhe cumpria apresental-as sem demora no estado em que se achavam.

A respeitabilidade dos nomes que constam da relação junta é sufficiente garantia da effectividade do pagamento de todas as quantias em divida. Esta commissão espera que v. s.ª e a direcção proseguirão nas diligencias para a integral cobrança d'ellas.

Uma outra circumstancia contribuiu para este resultado, e deve ser presente a v. s.ª.

A commissão representou para que lhe fosse concedida gratuitamente a licença para as corridas, em consequencia da natureza da instituição em beneficio da qual revertia o producto d'ellas. Não houve por emquanto decisão, sendo de esperar que seja favoravelmente despachada aquella representação. A commissão entendeu que não devia tambem por este motivo espaçar a apresentação das contas, deferindo á direcção o pagamento de qualquer quantia que definitivamente for exigida pela mesma licença.

Cumpre ainda á commissão o dever de levar ao conhecimento de v. s.ª para opportunamente ser presente á assemblêa geral que, no seu proposito, foi poderosamente auxiliada pela efficaz cooperação de diversos cavalheiros, a quem para esse fim se dirigiu. Pela sua parte, aqui aproveita a occasião de protestar a todos a sua eterna gratidão.

Desempenhando d'este modo a tarefa de que espontaneamente se encarregou, a commissão julga não merecer louvores, porque é dever de todos nós cooperar para a prosperidade e engrandecimento da Associação em que nos achâmos filiados. Não póde, porém, eximir-se de expressar o seu contentamento pelo resultado que obtiveram os seus esforços.

Deus guarde a v. s.ª — Aveiro, 17 de outubro de 1867.

Ill.mo sr. Presidente da Direcção da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas.

A commissão:

Agostinho D. Pinheiro e Silva, presidente.
José Maria Carvalho Branco.
João José dos Santos Leite.
José Maria Rodrigues.
Jeronymo Pereira Campos.
João Maria Pereira Campos.
José Pereira Campos.
José de Souza Lopes.
José Maria Vieira.
Bento Marques.
Antonio de Sousa.
Francisco d'Assys Pacheco Moita.
Bernardo Antonio da Graça.

Conta da receita e despeza das seis corridas de touros que tiveram logar nesta cidade em beneficio da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas.

= RECEITA =

Importancia dos bilhetes vendidos á porta, na corrida do dia 23 de junho . . .	160$605
Idem — idem no dia 24 . .	131$125
Idem — idem » 29 . .	121$400
Idem — idem » 30 . .	162$285
Idem — idem » 21 julho .	131$120
Idem — idem » 29 »	89$500
Idem — dos camarotes d'assignatura para as 4 primeiras corridas	191$800
Idem — dos camarotes vendidos para a corrida do dia 23 de junho	9$000
Idem — idem do dia 24 dito.	9$600
Idem — idem » 29 » .	13$800
Idem — idem » 30 » .	10$200
Idem — idem » 21 julho	41$500
Idem — idem » 29 » .	33$000
Rendimento da madeira que se vendeu	21$480
Dito de uma corda, forcados, e mastro	3$000
Somma	1:129$415

= DESPEZA =

Importancia de madeiras para a praça (doc. 1, 2, 3, 4, 5)	44$190
Idem — de pregos, idem (doc. n.º 6)	20$210
Idem — de jornaes aos operarios que levantaram a praça (doc. 7 a 11) . . .	49$905
Idem — aos operarios que a demoliram (doc. n.º 12, 13)	11$085
Pago a Francisco Vaz (o Caixinhas) pelo ajuste feito com os capinhas para as 4 primeiras corridas (doc. 14)	180$000
Idem — idem para as 2 ultimas (doc. 15)	108$000
Despeza feita pelos vogaes da commissão que foram a Lisboa contratar os capinhas (doc. 16) . . .	20$000
Pago a Luiz de Souza Janeiro pelo aluguer dos touros que se correram nas 4 primeiras tardes (doc. 17) .	216$000
Idem — idem para as 2 ultimas (doc. 18)	117$000
Pago á philarmonica «Amisade» pela sua assistencia ás 4 primeiras corridas (doc. 19)	24$000
Aluguer do cavallo para o cavalleiro nas 6 corridas .	20$200
Cartão e papel para bilhetes e programmas, impressão dos mesmos, cartazes e annuncios (doc. 20 a 23) . .	24$170
Farpas, vindas de Coimbra, bolas, etc. (doc. 24 a 31)	7$130
Gratificação aos homens de forcado, carretos, concertos, foguetes, fitas para enfeitar o cavallo das cortezias, papelão para tropheus, vinagre para a cura dos touros, etc. (doc. 32 a 37) .	48$150
Somma . . .	890$040
Producto liquido	239$375
Entregue em dinheiro . . .	212$775
Dividas.	26$600
Total. . . .	239$375

Agostinho D. Pinheiro e Silva, presidente.
José Maria Carvalho Branco.
João José dos Santos Leite.
José Maria Rodrigues.
Jeronymo Pereira Campos.
João Maria Pereira Campos.
Sosé Pereira Campos.
José de Sousa Lopes.
José Maria Vieira.
Bento Marques.
Antonio de Souza.
Francisco d'Assys Pacheco Moita.
Bernardo Antonio da Graça.

O procedimento do sr. conde de Bañuelos, ministro hespanhol, hávido com os empregados da alfandega de Lisboa, tem excitado a imprensa a censurar aquelle diplomata pelo modo pouco decente e menos delicado com que tratou os agentes fiscaes d'um governo seu alliado, e d'um paiz seu visinho; muito principalmente cumprindo os empregados o seu dever, e facilitando o despacho das bagagens d'aquelle senhor.

E' justo o reparo da imprensa portugueza, e digno da mais aspera correcção o homem que, esquecendo o que deve á sua posição, desce até ao ponto de insultar os que, em razão de seus empregos, cumprem o que as leis do paiz determinam, não se deixando seduzir pelas distincções ficticias com que veem alardear preeminencias, julgando-se superiores aos outros!

E' necessario que saibam esses orgulhosos, que olham para nós com sobresanho, que cá, na patria de Affonso Henriques, se sabe ainda repellir com dignidade qualquer affronta.

A data de 1640 é ainda bem lembrada entre nós, e nem o decurso dos annos, nem a facilidade das communicações, poderão fazer esquecel-a. Antes cada vez ella mais revive.

Ainda ha pouco o nosso distincto collega do *Commercio do Porto* stygmatisou n'um artigo, urbana mas acremente, o proceder do ministro hespanhol, e dizia que, tanto na capital, como nas provincias, e principalmente no Porto, havia impressionado desagradavelmente aquelle acto, ao mesmo tempo que se estimava que os empregados superiores repellissem as phrases menos cabidas d'aquelle irascivel diplomata.

Tambem corre que o sr. ministro da fazenda exige d'elle uma satisfação.

Assim deve ser.

Nós n'isto vêmos apenas a realisação d'um nosso pensamento; e é que nunca *uma sonhada união* terá logar. *V.*

ANADÍA E MEALHADA.

As grosserias, e insultos do sr. Caneva, e do *façanhudo* Melquiades afastaram o sr. Alexandre de Seabra da discussão encetada com esta epigraphe. Foi uma perda para a causa, que deffendemos. Davamos o primeiro logar na disputa á aquelle cavalheiro; — retirado elle diremos tambem alguma cousa, por que no largo circulo das *mentiras*, com que se tem defendido a Mealhada, se apresentam asserções, que respeitam á gerencia municipal de te concelho, no qual exerço o logar de escrivão da camara.

A questão chorographica está esgotada. Quem comparar os escriptos do sr. Alexandre de Seabra com os dos seus adversarios conhece evidentemente, que batem em retirada. A população do perimetro entre Coimbra, Cantanhede, Agueda, e Aveiro está principalmente nas alturas d'Anadia, ou ao noroeste d'ella; ir por isso procurar para centro a Mealhada, oito kilometros ao sul d'Anadia, é um disparate, que só sustenta quem injuria, e mente em logar de argumentar.

Entre duas povoações tão afastadas uma da outra, não póde haver disputa razoavel de preferencia para centro d'uma circumscripção territorial, por que, ao que a lei manda principalmente attender é á sua posição central, e á facilidade de communicações.

Ora a Mealhada é muito menos central, que Anadia, não tem com os povos das visinhanças mais facilidade de communicações, que Anadia; não póde por isso, e nem deve ser preferida.

Já está dito, e provado tambem, que a Mealhada não se avantaja a Anadia em cousa alguma, se não em ver transitar mais carros pela sua rua, e em ter o hotel Bussaco.

Nada importa isso para a questão. Anadia avantaja-se debaixo d'outros differentes pontos de vista, e bem mais importantes.

Tem melhores, e mais numerosos edificios particulares; tem melhores, e mais numerosas cazas commerciaes; tem muito melhor praça; e tem edificios municipaes excellentes, ao passo, que a Mealhada, se fosse elevada a cabeça de comarca, não tinha, onde se celebrassem as audiencias geraes.

Isto só o não veem cegos.

Olvidou o sr. Caneva uma das essencialidades nesta questão: é a confrontação do pessoal dos dois concelhos, pois não devia esquecel-a, se fosse justo, por que é uma circumstancia muito recommendada na condicção 2.ª do artigo 11 da lei de 26 de junho ultimo.

Vou, com permissão de s. s.ª, fazel-a, e desculpe-me, se offendo a sua prozapia.

O concelho d'Anadia tem 32 bachareis formados (afora muitos outros cavalheiros habilitadissimos para exercer funcções publicas) em cujo numero se comprehendem dois condes, dois viscondes, e dois conselheiros: havendo sómente na freguezia séde do concelho 12 bachareis.

Todos são cavalheiros de muita respeitabilidade, não só pelas suas luzes, mas alguns, tambem, pela sua alta posição social: d'entre estes surge um vulto, cuja benevolencia attrahe, e consola, e a sua generosidade responde sempre ás offensas com obsequios.

Este vulto é o nobre conde da Graciosa.

O seu elogio rompe expontaneo da boca de todas as classes.

E a sua Mealhada que tem para contrapor?

Doze bachareis em todo o concelho.

E' com o concurso d'aquelles, e outros cavalheiros, que mutuamente se auxiliam, que o nosso municipio prospera: aqui vêem-se estradas municipaes, que já cortam uma grande parte do concelho, pontes de pedra sobre os rios, e as finanças do municipio n'um estado florescente. Sómente neste bienio se tem construido mais de sete kilometros de estradas regularmente construidas, cinco pontes de pedra com dez arcos, e em construcção uma de tres arcos, afóra muitos outros melhoramentos, como reparos de caminhos, pontes de madeira etc.

Que tem feito o municipio da Mealhada?

Nada.

Nem uma unica estrada regularmente construida! emprehendeu, haverá seis annos a construcção de uma ponte sobre o Certima, em Casal-Comba, levou acabo a empreza com administração de todos, mas, ó fatalidade, cahiu para nunca mais se levantar!

O que tendes, deveis tudo ao acaso, e á sorte, que vos avisinhou da via ferrea; sem ella não passarieis d'uns sertanejos.

Contentae-vos com isso, que não é pouco.

Lá está Luzo para vos envergonhar! Tendes no vosso concelho aquelle importante estabelecimento de banhos, que ajudamos a crear; tendes na sua vizinhança o Bussaco, que ali atrahe tantos visitantes de todos os pontos do paiz, e do estrangeiro, e não vos envergonhaes, de que todos vejam, que nada tendes ali feito municipalmente?

Pensaes, que alguem ignora, que os pequenos melhoramentos de Luzo são devidos aos exforços do exm.º conde da Graciosa, e d'outros cavalheiros?

Que tem feito a camara da Mealhada?

Pensaes, que alguem ignora, que nem mesmo auxiliastes, senão por meio d'uma burla o estabelecimento d'aquelles banhos?

Não sabeis, que foi necessario lançar mão de 1$000 réis dados por S. M. a Rainha D. Maria II para aquelle estabelecimento, e 9$000 réis arranjados pelo governador civil de Coimbra para ali crear um azilo de pobres, e vir depois com *essas quantias fingir, que compraveis em nome da camara, e com fundos d'ella acções d'aquelle estabelecimento?*

Quereis ainda saber mais alguma coisa?

Lá iremos se insistirdes nas vossas calumnias.

A camara da Mealhada tem um só *padrão de gloria, é oppôr se, a que no seu concelho se construa uma estrada, por que approveita a uma só freguezia d'aquelle concelho!...*

Os interesses d'uma freguezia são cousa muito pouco importante para se attenderem! E' necessario, que todo o paiz conheça essa grande miseria.

A camara da Mealhada oppoz-se á estrada d'Anadia a Luzo, só por que entendeu, *que era uma obra importante para Anadia.* Que visinhos!!

E tem Anadia procedido assim com a Mealhada? Quando as obras de Luzo não podiam progredir por falta de dinheiros, quem tomou as vossas acções?

Não foi o concelho de Anadia?

Quando a camara da Mealhada vergava sob o peso d'uma divida enorme ao cofre dos expostos, quem lhe conseguiu em Aveiro o pagamento em prestações?

Quando se tem manifestado as crizes de divisão territorial, ja Anadia *imitando* a Mealhada pediu a extincção do vosso concelho, *tendo muito mais fundamento para isso?*

Não. Anadia tem sempre procedido desinteressada, e lealmente com os seus visinhos.

Isso, porém, não comprehendem os homens da escola do sr. Caneva, a quem *só dominam paixões pequenissimas, miserias, ambições, e invejas.*

A extincção dos juizes ordinarios foi um grande mal para o sr. Caneva, s. s.ª se considera profundamente magoado: — exercia ahi esse logar, d'onde suppomos, que auferia alguns proventos.

E' uma lei do paiz, que o ordenou; é dever de todo o cidadão acatal-a e sujeitar-se ás ligitimas consequencias.

Os interesses sociaes devem antepôr-se aos particulares. O sr. Caneva já tem tido outros exemplos de resignação. Foi dimittido de delegado, e veio gozar das doçuras da vida privada. Conseguiu depois desalojar seu cunhado Sebastião Augusto da C. Simões de logar de sub-delegado, e teve tambem o desgosto de ser dimittido. A final conseguiu ser juiz ordinario desalojando outro collega, e *a final supprime-se o logar.*

E' força de infelicidade.

Convidamol-o, novamente, á resignação, por que é indispensavel, que não conheça, como marchava a administração da justiça em alguns julgados.

Vamos dizer-lh'o. N'uns a lei era uma burla; muitas vezes deixava de processar-se um inventario com grave prejuizo para os orphãos!

N'outros o patronato, a má fé, e muitas vezes a ignorancia levavam o juiz ordinario a proferir sentenças iniquas! — e n'outras, finalmente, ficava muitas vezes o crime impune com grave offensa da moral e da socidade.

N'um julgado, sabemos nós, que se abafou um crime de morte, aliás provadissimo, pela quantia de trinta libras!!!

Acatar, pois, as leis, é dever de todo o homem: ellas dominam o homem, e nunca o homem as leis.

Honra ao ministro que teve a coragem de apresentar o projecto da extincção dos juizes ordinarios, e gloria ao parlamento que o sanccionou.

Aos poderes publicos cumpre agora desempenhar a tarefa, de que se acham encarregados: temos, por sem duvida, que o farão desasombradamente; não são as loas do sr. Caneva, que hão de perturbar e viciar a sua obra.

———

Duas palavras agora ao sr. Melquiades da *Nação*, que *adrede* apparece n'aquelle jornal com as suas chocarrices contra Anadia, e elevando a sua Mealhada á cathegoria de comarca, e não sabemos se mesmo á de districto.

Coitado, *pobre Melquiades*, que se envergonha de apparecer a publico! Lá terá suas razões.

Ninguem se dignou responder lhe, porque se ignora quem é, e d'onde vem; dizem *uns que é antipoda*; *outros, que é marau recemchegado das plagas africanas, e outros, finalmente,* (e é esta a opinião mais seguida) *algum chatim fallido, que vem agora especular com a questão sujeita, como tem especulado com os LIVROS DO DEVE E HA DE HAVER*: mas seja quem fôr, sempre diremos, por agora, duas palavras ao publico, (que não a elle) em resposta aos seus embustes e calumnias.

Como prova o calumniador mascarado, que o governo deu para a ponte de Trez-Arcos um subsidio de mil libras!!

Só um cynico, acobertado com a mascara da infamia, poderá aventar similhante asserção.

A ponte de Trez-Arcos, uma das mais magestosas do districto, é puramente municipal: — foi construida sob a presidencia do exm.º visconde da Foz d'Arouce; é a sua importancia de dois contos e sete mil réis, afóra serviços pessoaes e vehiculares fornecidos pelos habitantes do concelho, que foram importantes.

Continúa o tal Melquiades com outras jogralidades, que não merecem resposta, porque são na sua essencia tão pequenas e mesquinhas, como é pequeno o mastim que as escreveu.

E ta gentalha morde-se de raiva quando, olhando para o concelho d'Anadia, vê por toda a parte obras municipaes importantes, e comparando-as com as da Mealhada, encontra uma differença tão palpavel; porque ali póde afoitamente dizer-se nada ha feito municipalmente.

Obsecados não querem os defensores da Mealhada, *o que a todos é palpavel*, e é por isso que disparatam tão extravagantemente.

Já o sr. Alexandre de Seabra disse, que distinguia no concelho da Mealhada os sonhos d'esses visionarios das aspirações sensatas da grande maioria dos seus habitantes.

E' em vão que o sr. Caneva, e Melquiades, querem fazer solidaria a maioria do concelho nos seus desvarios.

Embora o continuem a affirmar, todo o mundo sabe o contrario.

Somos muito visinhos, e por isso sabemos que ha no concelho da Mealhada gente importante, que tem reprovado os excessos que aquelles escriptores teem praticado.

O concelho d'Anadia desejou sempre viver na paz com a Mealhada, e tem feito todos os esforços razoaveis para o conseguir.

A culpa não é nossa: se tudo na Mealhada fossem CANEVAS e Melquiades, era bem melhor que pertencessem a alguma provincia d'alem-mar, porque para visinhos a ninguem aproveitam.

Anadia, outubro 17.

Antonio Augusto Rodrigues do Valle.

O MONUMENTO DO BUSSACO

A ideia de levantar um monumento aos gloriosos feitos do exercito Luso-Anglo na serra do Bussaco não é cousa nova.

Temos lembrança de ver ha annos um desenho magnifico, até illuminado, obra ingleza, e pouco posterior ao glorioso feito do dia 27 de setembro de 1810.

O sr. conselheiro Jorge Husson, nosso amigo, nos disse, que sendo official do estado-maior do nosso exercito assistira á batalha do Bussaco, e a todas as campanhas até á paz geral, e que já por esse tempo elle e outros officiaes tinham instrucções para preparo de trabalhos não só para o monumento do Bussaco, mas para outros.

Ora é sabido que o sr. conselheiro Husson deixou a carreira militar para seguir a diplomatica, mas que foi sempre, e é ainda, um dos maiores cultivadores das bellas artes, e amante das nossas glorias.

Vê-se já que a ideia de levantar um monumento patriotico na serra do Bussaco é uma cousa velha; não de ha seis ou oito annos, como alguem pensa.

Talvez as desordens politicas do nosso paiz, retardassem o levantamento do padrão que recordo aos vindouros que n'aquelle logar se eclipsou a gloria das armas do primeiro imperio napoleonico, e que depois d'esse dia tudo lhe correu torto, e o collosso caiu aos embates da força irresistivel que ao grito de liberdade e independencia se ouvia do occidente ao norte da Europa, até ali escravisada pelo mais afortunado capitão deste seculo.

Varios pensamentos se tem apresentado para o monumento.

O que vimos desenhado pelos inglezes era um soberbo obelisco circumdado de tropheus e figuras allegoricas ao assumpto.

O sr. Cascaes apresenta a ideia de um obelisco, mas no que não concordamos é na collocação fóra do local proprio, que é Santo Antonio do Cantaro.

O obelisco collocado em Sulla fica melhor para se vêr, mas não representa o que deve representar — «a batalha do Bussaco» —.

A batalha foi em Santo Antonio do Cantaro, que faz parte da serra do Bussaco, porque é sabido que a nossa linha de batalha occupava quasi cinco leguas, isto é, desde Trezoi na esquerda do Bussaco até á ponte da Mucella.

Na estrada que de Sulla se dirige á Mealhada, e onde se quer collocar o obelisco, houve, é verdade, desde o dia 26 um vivissimo fogo de atiradores, mas combate serio de arma branca apenas houve aquelle em que se empregaram duas companhias do regimento n.º 19, de Cascaes, conhecendo-se logo que aquillo era um ataque falso.

Não foi assim em Santo Antonio, onde os francezes perderam uma divisão e um general, e onde se obraram feitos grandiosos por alguns corpos inglezes e portuguezes entrando o n.º 8 de infanteria.

Parece-me que ainda estou ouvindo contar a respeito do regimento 8 o seguinte aos meus patricios que presencearam o facto.

O regimento estava na Mealhada havia dias em exercicios. Era elle quasi todo composto de recrutas, mal fardadas ou sem fardas.

As armas que tinham eram velhas e não prestavam para nada.

Eis que chegam de Lisboa os fardamentos, e da Figueira muitos caixotes com armas novas inglezas.

O regimento é logo vestido e armado, e assim enfeitado, e cheio de enthusiasmo e ardendo em desejos de se mostrar tão bello na defeza da patria, lá vae, e por estrada que não era tão boa como a de agora, em que correm carruagens.

Chegou a occasião do combate, e o 8 de infanteria cobriu-se de gloria carregando os francezes á bayoneta, e decidindo a batalha.

Ora já se vê que o sitio onde se praticou este acto de valor, que foi secundado por outros muitos de outros corpos do exercito alliado deve ter a preferencia.

Sendo presidente da camara da Mealhada, o sr. dr. Adriano Baptista Ferreira soube que uns lavradores do concelho de Mortagoa eram senhores da capella arruinada, chamada das «almas do encarnadouro», situada na elevação da serra, e proximo da estrada de Vizeu á Mealhada, e procurou adquiril-a para o municipio, o que conseguiu.

Ora nesta capella se estabeleceu o hospital de sangue, e a conservação della já de si era um monumento de recordação historica e de piedade christã, porque o fim do sr. dr. Baptista era que restaurada a capella, e restituida ao culto se celebrasse nella todos os annos, a 27 de setembro, dia da grande batalha, um officio pelas almas dos que nella haviam perecido.

Pediu-se ao governo um subsidio, mas o governo fez ouvidos de mercador, nada respondeu até ao presente.

Como lhe cheirou a cousa a religiosa tinha em si a recusa de tão bons senhores. Elles são assim.

Se fosse para arranjar alguma comezana e brodio teria despacho favoravel.

Quereriamos pois que se aproveitassem os dois pensamentos, ambos dignos, o sr. Cascaes collocando o obelisco, não em Sulla, mas em Santo Antonio, e o do sr. dr. Baptista alevantando a capella e restituil-a ao culto, para os effeitos principaes já ditos, porque ligar a religião de um povo ao seu patriotismo será sempre um acto mais heroico.

Quem for de proposito ver o terreno onde se deu a batalha vê tudo, quem passa, e que não dá importancia a taes cousas não se importa que esteja aqui ou ali, e então não se desloquem as cousas do seu verdadeiro logar, só porque seja mais visto o obelisco; mas visto por quem não lhes dá o apreço devido.

Mais apreço darão vendo a capella; facilmente vão a ella vendo-a da estrada e ali se lhe indicará o obelisco, explicará o facto para os menos conhecedores das circumstancias delle, e a curiosidade os fará então dar mais alguns passos, e ver o proprio terreno, escabroso e terrivil onde as aguias francezas não poderam apezar de tudo segurar-se.

Cahiram, fatigadas de tanto esvoaçar altivas e horripilantes, parecendo-lhe que não havia montes nem valles que lhes fossem vedados, e a final n'uma posição propria para aguias deixam-se bater, e agarrar pelas azas, pelas pernas, e por todo o corpo, e os que assim não se deixam colhêr ás mãos dos vencedores, morrem a ferro e fogo, e ainda hoje por lá se encontram despojos de tão encarniçados, mas gloriosos feitos.

Mealhada, 14 d'outubro de 1867. *J. L.*

(Da *Nação*.)

Exterior

Publica a *Presse* um telegramma de Roma, em data de 14, á meia noite, que diz:

«Hontem, 90 soldados pontificios encontraram um bando de 300 garibaldinos na estrada de Monte-Libutti; elles o atacaram á bayoneta e o dispersaram inteiramente.

Em seguida a este recontro, no qual os garibaldinos tiveram perdas sensiveis em mortos, feridos e prisioneiros, Monte-Libretti foi definitivamente occupado pelas tropas do santo padre.»

O mesmo jornal publica um outro telegramma de Florença, datado de 14, que diz que se receberam de Roma as seguintes informações da fronteira romana:

«Os zuavos pontificaes, sustidos pela artilheria e cavallaria, atacaram Nerola, onde se acham os revoltosos commandados por Menotti Garibaldi.

Depois de um vivo combate, os zuavos foram repellidos e perseguidos até Monte-Maggiore, onde se retiraram em desordem. Os revoltosos tiveram 5 mortos e 15 feridos. São mui graves as perdas dos zuavos. Affirma-se que na noite de 12 para 13 houve em Roma muitas prisões.»

— Um telegramma de Vienna, pela «Imprensa da Alemanha Meridional» affirma que o sr. de Hubner não voltará mais a Roma. O mesmo telegramma diz que a resposta ministerial á representação dos bispos contém uma censura directa a estes ultimos, por não terem considerado a responsabilidade ministerial.

— Madrid, 18, ás 11 horas e 45 minutos da manhã.

Roma, 17. — Foram aprehendidos papeis a mais dois outros officiaes italianos, que foram presos como accusados de promoverem a insurreição romana; já começou o seu processo.

Vienna, 16. — Sobre a proposta do seu presidente, a camara dos deputados d'Austria apresentou trez *hurrahs* enthusiastas ao imperador, por causa da sua resposta á mensagem dos bispos. — Hubner não irá a Roma.

Variedades

RUDES ARPEJOS
XXIII

Uma noite junto ao Liz

A meiga lua rebrilha
N'um ceruleo e limpo ceu,
Não ha nuvens no orisonte,
Desde que a lua apar'ceu.

O brando Liz corre manso
Com os seixinhos brincando;
E pel'a briza embalados,
Vão os choupos ciciando.

Tudo é silencio, e só se ouve
Manso o rio murmurar,
E entre os choröes e as faias
Meiga briza perpassar.

Quanto eu amo a triste noite,
Que me traz melancholia
A' minha alma, costumada
A viver sem alegria.

Quem me déra ter agora
Uma lyra maviosa
Para cantar as bellezas
D'esta noite formosa.

Mas ai! de mim! que a tristeza
Já fez quebrar desta lyra
As cordas onde eu outr'ora
Alegres canções desf'rira.

As que me restam, coitadas,
Soltam suspiros e ais,
Acostumadas a dôres
E tormentos bem fataes.

Debalde pego na lyra
P'ra n'ella entoar um canto,
Pois, recordando a tristeza,
Só posso banhal-a em pranto.

Só posso, por que essas cordas,
Que o soffrimento quebrou
Trazem-me a triste lembrança
D'essa causa, que as arrancou.

E se esta noite é tão bella,
E-ta noite é só poesia,
Não, não recordes, ó lyra,
A triste melancholia.

Eu te penduro quebrada
No tronco d'este chorão,
E nas cordas, que te restam
Cante a briza uma canção.

Canção, com que tu celebres
Da meiga noite a belleza;
Que eu não quero recordar-me
Da minha magoa e tristeza!

XXIV

Vem

Vem, ó donzella,
Vem, minha estrella,
Tão meiga e bella
Pr'a beira-mar
Gozar da briza,
Que o mar desliza,
N'areia liza
Vem-te sentar!

Aquellas aguas,
São quaes frágoas,
São quaes as mágoas
D'esta paixão;
Se as ondas batem,
Magoas combatem,
Quasi me partem
O coração.

O triste canto
O doce encanto,
Que eu amo tanto,
Da tua voz,
Não calles, Roza
Harmoniosa,
Canta, formosa,
'Stamos a sós.

Eis-te sentada,
Tão engraçada,
E reclinada
No collo meu,
O mar olhando;
Por que, chorando
E meditando,
Olhas o ceu?

Olhas da lua
A face núa
Que lá fluctua
N'essa amplidão;
Mas que tristeza,
Minha lindeza,
Te opprime e peza
No coração?

Por nos amarmos,
Por sós estarmos,
E despresarmos
Mundo traidor
E' que descoras?
Que vejo? choras
Nas gratas horas
Do nosso amor?!...

Que olhar incerto!...
Foges de perto,
Por que te aperto
A nivea mão?!...
Tremes! que vejo!...
Por que desejo
Te dar um beijo,
Minha paixão!...

Mas ah! fugiste...
E' que sentiste,
Que não resiste
Ninguem a amor;
E que essa chama,
Que nos inflama,
Vence a quem ama
No seu pudor.

O.

A' exm.ª sr.ª D. * * *

Oh! como és bella, pallida,
Co'os olhos scintillantes
Que estão amor dizendo
Assim fitos nos meus;
Quando o teu rosto morbido
Contemplo por instantes,
Parece-me estar vendo
Um anjo lá dos ceus!

Como teus olhos vividos
Similham ás estrellas,
Que a mão de Deus pod'rosa
Firmou no ceu de anil!
As tuas faces pudicas,
Tão candidas e bellas,
Parecem-me uma rosa
Das mais lindas de abril!

O' como és bella! adoro-te
Como a Jesus no templo
Silencioso adora
O triste peccador!
Quando o teu rosto angelico
Em extasis contemplo,
Só me lembro n'essa hora
De ti, do Creador!

No peito sinto indomita
A abrazadora chamma
Do meu amor, queimar-me
Já quasi o coração;
E' para mim benefico
O fogo que me inflamma,
Mas has de sempre amar-me
Com uma igual paixão!

Donzella, aqui supplico-te
A teus pés humilhado
Que alimentes o fogo
Que sinto agora em mim!
Não queiras lá do Empyreo
Que eu seja despenhado,
Não queiras, eu t'o rogo,
Celeste cherubim!

Como eu te adoro, ama-me,
Archanjo de poesia,
Que ao mundo só vieste
Para adorado ser!
Por ti, ó virgem candida,
Mil vidas eu daria!
Por ti, anjo celeste,
Eu só quero morrer!

Se sorris

Qual a rosa louçã que desabrocha
Recendendo no campo mil perfumes
Das folhas de carmim;

Assim és, minha candida donzella,
Que tens no rosto a côr das folhas d'ella,
Quando sorris p'ra mim!

Alberto Carlos Freire d'Oliveira.

Noticiario

Commemoração

Fez hontem um anno que esta cidade presenciou uma das suas melhores festas, póde se dizer, de regosijo nacional.

O jubilo com que, logo, alta manhã, foram acordados os aveirenses, ao estourar dos foguetes, ao repicar dos sinos, e pelos sons marciaes da phylarmonica «Amizade», annunciava-lhes que era chegado o grande dia, em que a mocidade escolastica, reconhecida á memoria do seu mais caro protector, o nunca assás pranteado, JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES, lhe tributaria singello mas cordeal testemunho da sua gratidão.

E' que estava chegado o momento da patria de novo dar um valioso documento da sua dedicação por quem tanto a engrandecêra, e tanto a idolatrára.

E effectivamente Aveiro soube corresponder ao apello expontaneo dos patrioticos mancebos, que levaram a cabo o nobre pensamento da erecção do retrato do grande vulto contemporaneo, e prestar homenagem á sua immensa gloria.

JOSÉ ESTEVÃO não precisava monumentos para viver no peito dos seus compatricios: era bastante o seu nome gravado com caracteres indeleveis no coração de todos nós, que o vimos e o admirámos. Não necessitava as pompas marmoreas para ficar rediviva a sua physionomia franca e sympathica, nem as galas da arte para fixar suas feições.

Em corpo e alma o veriamos na nossa mente!

Se havia morrido para o mundo, começava de viver para a immortalidade da gloria. Agora a aureola do seu genio era mais refulgente; não lhe offuscavam os brilhos as invejas, nem as calumnias.

Ante a face da campa tudo emudecêra, e reverente deixára passar o vulto gigante do homem, que empregára toda a sua existencia em pró do BERÇO SEU PATERNO.

O dia 21 d'outubro será sempre memoravel para Aveiro, assim como o dia 9 o será para todo o paiz, pois n'elles se pagaram duas dividas, qual d'ellas mais sagrada.

Mas os serviços de JOSÉ ESTEVÃO não estão recompensados com o obulo dos estudantes do lyceu nacional d'Aveiro. E' preciso que a sua memoria seja condigna ao seu muito lidar em bem do reino e da patria. Requer que a elle seja erigida uma estatua como as dos grandes genios, que bem merecem dos povos.

Lisboa não tarda a pagar-lhe esse debito, e n'ella está symbolisada toda a nação. E como o grande genio de JOSÉ ESTEVÃO mais se expandiu no seio da representação nacional, é no local de S. Bento que será levantado o monumento que atteste ás gerações provindas a sua rapida e prematura passagem d'esta a outra melhor vida.

Regosijamo-nos por já ali nas salas do lyceu haver representada a effigie do seu iniciador, e que á falta d'outros attestados, seja aquelle tributo a confirmação da nossa intensa saudade e profunda veneração.

E'-nos grato que se ache n'esta cidade o dedicado irmão do grande tribuno, que infelizmente não pôde o anno passado assistir á solemnidade da inauguração, como tencionava. N'essa occasião veria como ainda sangra o golpe profundo que a sua morte causou!

Varios successos. — E' addiada ainda a abertura da exposição da sociedade promotora das bellas artes, que estava annunciada para domingo 20 do corrente. Este adiamento que será por poucos dias é devido ao atrazo em que se acham os trabalhos preparatorios da exposição e tambem por se acharem muitos socios ausentes ainda de Lisboa.

— Um hespanhol residente em Estermoz tentou ha dias assassinar a sua companheira Maria de las Dolores; que felizmente foi salva, pois a policia acudiu aos gritos afflictivos da infeliz.

— Dentro de dois mezes terá o exercito francez 600:000 espingardas de carregar pela culatra. O armamento de artilheria já está completo. Quanto á cavallaria estão-se fazendo importantes reformas n'esta arma.

— As auctoridades austriacas prenderam um official do estado maior italiano que andava tirando desenhos das praças fortes do Tyrol.

— A «Liberté» affirma que o conde de Bismark conferenciará com o rei Guilherme em Baden-Baden, ácerca de despachos importantes recebidos de Florença. O jornal parisiense não diz que despachos são.

— O sr. Victor Bastos apresenta na exposição da sociedade promotora os bustos do marechal duque Saldanha, e do actual presidente do concelho de ministros e sr. Joaquim Antonio de Aguiar.

— No barracão junto ao arco triumphal da Praça do Commercio principiou hontem o desbaste da pedra para a estatua de Viriato, uma das seis estatuas colossaes que o estatuario Victor Bastos está encarregado de fazer para decoração do mesmo arco.

— Vinte e quatro artistas figurarão na proxima exposição da sociedade promotora das bellas artes, sendo o numero das suas obras cento e cincoenta e duas. D'estas entrarão no sorteio cento e vinte e trez, o que proporcionará uma boa escolha aos socios que forem premiados.

— O sr. conselheiro Nazareth, digno director da alfandega de Lisboa, não vai ha dois dias áquella repartição, porque está bastante incommodado de saude.

— A estatua de Camões tem tido quotidianamente grande romaria de povo. Hontem vieram vel-a pela manhã as «palmelloas» em numero de mais de vinte.

— A traducção do «Tartufo» pelo sr. A. de Castilho obteve um triumpho em casa do nosso primeiro poeta dramatico o sr. Mendes Leal, onde um filho do eximio traductor fez a leitura da notavel comedia de Molière, que está primorosamente vertida em verso pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho. A comedia sahiu portugueza de lei. Assistiram á leitura para a qual tinham sido convidados os srs. conde de Avila, Silva Tulio, Julio Cesar Machado, Francisco Palha, Ernesto Biester, Melicio, Duarte de Sá, Sory, Palmeirim, e outros distinctos homens de letras.

— Em cumprimento do dever que nos impozemos damos hoje ás nossas leitoras a descripção dos ultimos figurinos.

Toilette de noiva. Vestido de *gros Lyon*, unido, tendo o corpete sobido. Saia chata; longa *traine* (cauda); mangas estreitas. A saia superior é de *tulle* bordado. esta saia é chata e forma a *traine*; é suspensa de cada lado por um ramo de flores na cintura bem como na saia de *tulle*.

Toucado com *bandeaux* ondulantes na fronte. *Chignon* elevado, composto de quatro rosetas formando um laço por uma trança. Uma outra trança forma um diadema que assenta sobre a testa, com uma meia corôa de flores entre o *chignon* e a testa, sobre o veu de *tulle*.

Um ramo de rosas e de flores de laranjeira, disposto em culchete (*agrafe* prende o veu.

Sapatos de setim branco.

Toilette habillè. — Vestido de setim preto; corpo sobido e mangas justas; a saia tem cauda.

Chapéo de seda branca. Um ramo de rosas posa ao lado. As *brides* são de setim. Uma grande pluma um pouco encrespada cobre o *chignon*.

Cachemira da India (chale) á *viviére blanche*.

Toilette de menina. — *Paletot-saia* de cachemira branca guarnecida de veludo azul.

Saia inferior azul. Cinto largo de fita azul, atado atraz com longas pontas.

Chapéo branco, redondo com uma pluma. Cabellos soltos e compridos.

Botinhas de seda.

— Vem rico o n.º 28 do *Archivo Pittoresco*. Admiravelmente gravada está a primeira gravura, que representa a inauguração do monumento a Luiz de Camões, acompanhada d'um inspirado artigo do sr. Pinheiro Chagas, sem duvida um dos nossos primeiros litteratos, depois segue-se a biographia e um bello retracto do imortal épico, devida á penna do talentoso poéta E. A. Vidal, terminando com a medalha commemorativa da inauguração do do monumento, e sua descripção.

Todas as gravuras estão notaveis pela sua perfeição. Decididamente a gravura entre nós tem tido um desenvolvimento pasmoso, graças á dedicação dos benemeritos editores do *Archivo*, que teem prestado inumeraveis serviços com a publicação de tão excellente, quanto util semanario, bem digno da protecção publica.

— Recebemos o n.º 42 do «Panorama», que vem adornado com duas gravuras — uma as dobadeiras de seda, e outra um quadro de Pareja, e variados artigos.

— Não é bom ser lambareiro! A prova está no que que aconteceu a trez rapazes nos arrabaldes de Lisboa.

Viram um carro com sacos, e sem mais nada votaram-se com unhas e dentes a elles, e comeram do que continham.

Não tardou muito que as mais terriveis contorsões os fizesse vergar, e uma sede ardente os devorasse, morrendo todos tres e envenenados!

Tinham comido semente de purgueira.

Jornal das Damas. — Publicou-se o n.º 10.º do *Jornal das Damas*, bellamente estampado em bom papel, formato regular, com duas columnas de impressão, contendo uma detalhada descripção da ultima moda de Pariz, romance, poesias, chronica theatral, variedades, anedoctas etc.

Acompanha este numero um bello figurino illuminado e gravado em Pariz, representando differentes *toilletes* de senhora, e menina com as competentes descripções.

A respeito de cães. — Ha pessoas que, possuindo um cão, principiam a imaginar o que lhe hão de pôr na colleira, diz o «Jornal do Norte».

Um sujeito nosso amigo, principia logo a imaginar onde lhe ha de pôr o bico da bota, para o cão nunca mais lhe apparecer. Mas dos outros é que se falla: scismam com os disticos que hão-de mandar gravar nas colleiras dos seus cães, e sahem-se com boas lembranças. Lamartine tinha uma galguinha e mandou-lhe gravar no metal da colleira:

Lamartine m'appartient.

(O menino da casa que traduza — Nota aos paes de familia.)

O actor Kemble mandou gravar na colleira do seu cão:

I am Kemble's dog, whose dog are you?

Eu sou cão de Kemble, e vós de quem sois cão?

Este gracejo podia estar em qualquer lingoa, logo se conhecia que era inglez!

O distico mais gracioso, mais elegante, é o que uma senhora de Paris acaba de mandar gravar na colleira da sua galguinha:

Je ne promets pas de largesse
A celui qui me trouvera:
Qu'il me rapporte á ma maitresse,
Pour recompense il la verra.

E' preciso que uma mulher esteja bem convencida do poder irresistivel dos seus attractivos para mandar gravar uma inscripção d'aquellas na colleira do seu cão: mas qual é a mulher que duvida do poder dos seus encantos?

Quantas pessoas não desejarão ser o cão d'esta senhora!

Anniversario. — Tambem os estudantes deste anno quizeram solemnizar o primeiro anniversario de erecção do retracto do grande tribuno JOSE' ESTEVÃO.

Hontem á noite illuminou-se o edificio do lyceu, e os seus alumnos sahiram com a phylarmonica — *Amizade* — tocando no largo e pelas ruas, variadas e enthusiasticas peças, e queimando-se por essa occasião bastantes foguetes. Tambem foram tocar á porta do Seixal, apparecendo-lhe o irmão d'aquelle peregrino engenho, que com o sorriso nos labios agradeceu penhorado aquella prova de deferencia da parte dos briosos mancebos.

Os alumnos do seminario tambem andaram com a phylarmonica — *Aveirense* — pelas portas de seus professores.

Foi uma noite de enthusiasmo.

De todas as aulas se saiu mais cedo.

Senhora da Boa Viagem. — Foi muito alem da espectativa publica a festividade a esta Senhora.

Na noite de sabbado houve vistosa illuminação a lanternas e balões suspensos em festões de murta, que nasciam de postes com bandeiras, na travessa de S. Bartholomeu, e no largo da Vera-Cruz estavam as arvores adornadas tambem com balões de differentes côres, produzindo lindo effeito.

A phylarmonica *Amizade* tocou variadas e bonitas peças, e subiram ao ar quatro balões aereostaticos, que foram muito bem, queimando-se bastante fogo d'artificio.

A noite estava bella, o que concorreu para que aquella diversão fosse concorrida e agradavel.

No domingo houve de manhã missa cantada, e de tarde ladainha, e orou o esperançoso mancebo, o sr. José Pinto, de Agueda, recitando uma bella oração.

Teve arraial, e não deixou de ter frequentadores, nem frequentadoras, que nunca querem deixar a traz aqualquer festinha.

— No domingo ha-a no Senhor das Barrocas.

Descarrillamento. — Soffreu um descarrillamento o comboyo mixto n.º 8, que trabalha entre Lisboa e Entroncamento, no dia 17 do corrente proximo á estação d'Alhandra o que deu causa a que o comboyo do correio tivesse trasbordo e a que os comboyos ascendentes no dia 18 de tarde chegassem a esta cidade atrazados. A ponte da Alhandra soffreu tambem com isso uma pequena avaria por que lhe passou parte do comboyo descarrillado por cima.

Transgressão e tentativa. — No dia 16 do corrente, e quando o comboyo expresso descendente estava para passar, na passagem do nivel da estrada de Coimbra ao Porto, que cruza o caminho de ferro na proximidade dos Fornos comarca d'aquella cidade, cujas barreiras estavam fechadas, foram estas abertas por um imprudente professor de instrucção primaria da freguezia de Souzellas, por nome José Augusto Mendes Diniz, que para isso muito de seu vagar se apeou de um carro, em que vinha, puchado a dois cavallos, sem se lembrar que transgredia as leis e regulamentos dos caminhos de ferro, e que incorria no grave risco de ficarem elle, cocheiro e trem esmagados debaixo do dito comboyo!

Quando o referido professor d'instrucção primaria abriu a primeira barreira — a do sul — o respectivo guarda José Dias lhe quiz fazer ver que fazia muito mal, e que o podia comprometter; mas o tal imprudente professor, sem palavra responder, desobedeceu o guarda, e abriu a segunda barreira — a do norte — e com o carro parado no meio da via! José Dias deu-lhe a voz de prezo, e quando o agarrou, o sr. professor pucha d'um florete que trazia embainhado n'uma bengella e apontando-o á barriga de José Dias, este o largou para lhe tirar das mãos a arma o que fez quebrando-a ao meio, ficando cada um d'elles com o seu boccado.

O respectivo fiscal do governo tomando conhecimento do facto, formou o competente auto, que enviou ao delegado do procurador regio da comarca de Coimbra, que bem saberá castigar o delinquente, que devia ser o primeiro a abrir o exemplo moral, religioso e civil.

Este facto o torna indigno de ser professor regio.

Aos srs. ministros das obras publicas e das justiças cumpre providenciar; e ao sr. director dos caminhos de ferro portuguezes cumpre o conservar ao seu serviço o dito guarda José Dias, que é digno de louvor por saber cumprir com os seus deveres como bom guarda, pois a não ser este empregado, difficil é encontrar um homem que queira ser guarda na sobredita passagem de nivel, que é de uma concorrencia consideravel a todos os momentos tanto do dia como da noite.

Tempo. — Melhorou consideravelmente, apresentando-se o ceu limpido, e moderada a temperatura.

Similha o principio da quadra vernal.

Continúa a arbitrariedade. — Os chatins da camara esforçam-se ainda para cobrar os impostos do consummo, abolidos pelo governo, fundando-se em umas consultas *ad hoc*!

E são estes os verdadeiros amigos do povo!

Grande desgraça. — Na quinta feira houve na costa de Mira um lamentavel sinistro maritimo.

Um nosso amigo nos communica d'ali o seguinte:

«No dia 17 sahiu a deitar rede, com muito mar, o barco de pescadores da companha — Nova dos Cações, e no regresso á Costa uma volta de mar o virou deixando sobre as agoas 36 infelizes dos quaes 11 conseguiram apanhar a praia, nadando.

Era uma scena afflictiva ver estes desgraçados lutando com as vagas sem esperança de soccorro, até que alguns pescadores se rezolveram a tripolar um outro barco e poderam salvar 10; dos restantes 8 tinham desapparecido na voragem das ondas, e 7 achavam se mettidos n'uma grande corrente d'agoa aonde era impossivel ir o barco salval os; felizmente apparece um corajoso mancebo, que, esquecendo-se que tinha mulher e um tenro filhinho que precisavam do seu amparo, se lança ao mar e consegue salvar um d'aquelles infelizes; volta salva outro, e só descança quando não havia já quem precisasse do seu soccorro, e quando se achava tão exausto de forças que foi preciso trazel-o em braços como os naufragos que elle havia arrancado a uma morte certa.

O nome d'este valente e corajoso maritimo é Manuel Sequeira Netto Junior; usobre o seu peito assenta bem uma d'essas medalhas que a Associação Humanitaria da cidade do Porto confere áquelles que esquecendo-se de si, só cuidam do seu proximo quando o vêem em perigo.»

Causou imensa consternação este desgraçado successo, que enlutou muitas familias; e muito principalmente porque dois d'aquelles infelizes naufragos eram chefes de familia, deixando um 5 filhos e outro 3.

Julgamento. — E' na quinta feira, e não na quarta como dissemos, que se deve verificar a causa em que o ex.mo sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães é advogado.

Nova industria. — E' grande a procura que tem nestes sitios a pevide da abobora.

Codigo Civil. — A' excellente empreza do «Archivo Juridico» temos a dizer, que não recebemos o volume do codigo civil, que diz fez o obsequio de remetter-nos.

Não podemos ainda averiguar d'onde proveio o extravio.

Representação. — Em nome da necessidade e utilidade publica, representâmos á camara a conveniencia da organisação da nomenclatura das ruas, e numeração dos predios.

Esta recommendação reproduzil-a-hemos até que sejamos attendidos.

Se o não formos, dirigimi-nos ao sr. administrador para que faça cumprir o que a lei marca.

A avareza. — Dizia o doutor P. Manoel Bernardes:

Porque os impios tem colliginosos os olhos da alma, quiz Deus mostrar-lhes esta verdade pelos de carne.

O venerando padre fr. Matheus de Baso, aquelle celebre apostolico varão que deu principio á reforma dos menores observantes, sendo hospede de um famoso advogado na curia ducal de Veneza, para lhe mostrar como suas riquezas eram mal havidas com trapaça e dolo, estando com elle á meza, pegou das toalhas, e as torceu e espremeu, e começaram a escorrer sangue humano em tal cópia, que o mesmo advogado o ia aparando e recolhendo em um prato.

Com tão evidente e horroroso signal lhe entrou o desengano: converteu-se, isto é, restituiu; que em similhantes pessoas, se se determinam a restituir, está feita a conversão.

Temos logo, que bem dizia o glorioso padre Santo Antonio:

— Guarde-me Deus de acceitar eu por signal de amor o sangue espremido dos pobres.

Bussaco. — Matta e convento bem conhecidos, que foi propriedade dos carmelitas descalços, situados na serra do mesmo nome, 7 kilometros de distancia da Mealhada.

A matta está quasi dividida ao meio por uma rua, que atravessa desde a portaria até á porta de Sulla, e é circumdada por um muro, que tem 3:800 metros de extensão.

Todo este recinto está coberto com a sombra de carvalhos, castanheiros, e cedros gigantes.

Estes foram plantados em 1643, e aquelles, são muito antigos.

A edificação do convento foi principiada em 7 de agosto de 1628, e em 1628, e em 19 de março de 1630 começou a observancia do instituto.

Sóbe-se a montanha visitando os nove passos da prisão de Christo, desde o Horto até ao Pretorio de Pilatos, e os seis da paixão, desde o Pretorio até ao Calvario.

Estes passos que primeiro foram indicados com cruzes, depois com pinturas, e ultimamente com capellas e imagens em vulto natural, estão localisados em conformidade com com as medições, mandadas vir de Jerusalem pelo bispo conde D. João de Mello.

Todas estas obras foram feitas durante o tempo que medeia desde 1664 até 1717.

Encontram-se dispersas pela matta diversas capellas, chamadas ermidas de habitação ou da penitencia, aonde alguns religiosos iam passar a vida ermitica da sua regra: e são ellas as ermidas de S. José, do Santo Sepulchro, de Nossa Senhora da Expectação, de S. João Baptista, de Santa Thereza, de Santo Elias, de Nossa Senhora da Conceição, de S. Miguel, do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora da Assumpção, do Calvario, e de Santo Antão.

Presentemente costumam ser habitadas, desde junho e outubro, por familias que alli vão passar o estio porque qualquer d'ellas tem sufficientes accomodações para isso.

A Cruz Alta, collocada no ponto mais elevado da montanha, e tá sobre um baluarte cercado de ameias, construido das ruinas d'um outro mosteiro que alli havia existido, e a ascensão até lá é uma das maiores galhardias, que pódem praticar os visitantes.

O Calvario é um dos sitios donde se disfructam mais agradaveis pontos de vista.

Bussaco viu desterrados dentro de seus muros muitas pessoas distinctas, e entre ellas apontaremos os infantes D. Antonio e D. José, filhos naturaes de D. João V, conhecidos pelos *Meninos de Palhavã*, que alli estiveram desde 1660 até 1777, epocha em que morreu D. João I, que os mandára para lá por causa das desintelligencias, que tiveram com o marquez de Pombal.

Foi na serra do Bussaco que a 27 de setembro de 1810 teve logar a batalha em que foi derrotado o exercito francez commandado por Massena, que então deixou de ser o *anjo da victoria*.

Para recordar aos vindouros este brilhante facto da nossa historia, determinou-se a construcção d'um monumento, que ainda não foi levado a effeito.

(Do Roteiro de viajante de 1865).

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes. — Pelo ministerio da fazenda foi ordenado, que os cartazes d'esta companhia, affixados nos logares publicos, paguem o correspondente imposto do sêllo.

Galeria de quadros. — S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz inaugurou no dia do anniversario natalicio de sua augusta esposa, a galeria dos seus quadros do paço d'Ajuda, muito accrescentada com os que lhe foram offerecidos pelos reis de Italia, Hespanha, e D. Sebastião, e onde ha muitas preciosidades artisticas.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 21 de outubro

Mais se falla por aqui de noticias de politica externa, do que de interna, e não é isto caso muito para admirar, por isso que fallece todo o interesse nas do reino, emquanto augmenta nas de fóra. Occupar-nos-hemos, pois, em primeiro logar, d'estas, mesmo porque é possivel que, mais tarde ou mais cedo, seja a politica externa quem nos faça levantar d'um certo abatimento moral politico, em que é forçoso confessar, vamos bastante cahidos.

São dignas de todas as attenções as noticias que nos trazem os telegrammas e as folhas dos ultimos correios, com relação á questão de Roma.

O governo francez exita sobre se deve ou não intervir. O imperador Napoleão, que poucas vezes fazia depender a sua vontade do voto de outrem, agora ouve o conselho de ministros, e titubeia como elle. O temor é facil de julgar.

Teme-se que a França veja com maus olhos uma segunda occupação de Roma, como já viu a primeira. Alem d'isso, vêem-se ao longe sérias complicações diplomaticas, e o fantasma da Prussia apparece por detraz de tudo isto, pondo receios ao gabinete imperial. E' isto que faz julgar que sejam verdadeiras as ultimas noticias, que dizem que, não obstante terem-se já expedido ordens para o embarque de 10:000 homens em Toulon, com direcção a Civita-Vechia, se mandaram suspender essas ordens, aguardando-se que as tropas pontificias tenham força sufficiente para derrotar os garibaldinos. Estes, pela sua parte, augmentam consideravelmente, e n'um combate, que ultimamente deram em Nerola, sahiram completamente victoriosos, causando bastantes perdas ás forças pontificias.

Uma parte da imprensa franceza e hespanhola, aggridem a Italia, e como connivente no movimento garibaldino, não passando de simples phantasmagoria, tudo o que por parte da Italia se allardeia, como desejo de reprimir a invasão.

Para nós, não nos causa isto admiração alguma, por que sempre tivemos por fé, que o primeiro interessado na posse de Roma era Victor Manuel. Todas as rasões de conveniencia, todas as rasões de politica, indicam, que a Italia nunca poderá ser o que deseja ser, sem possuir a actual capital do orbe catalico; logo vêr com bons olhos a invasão romana, é consequencia logica e indiscutivel. Miremos, pois, os acontecimentos, que de hora para hora pódem involver todo o mundo.

Voltando a casa, diremos que ainda não appareceram as celebres nomeações do ministerio dos estrangeiros, de que tanto se occupou a imprensa.

Diz-se agora que o motivo da demora é a saude do sr. Casal Ribeiro, que parece n'estes ultimos dias tem estado um pouco melindrozo.

Cada vez affluem mais deputados a Lisboa, para tractar da reforma administrativa, a qual bem custa a dar por concluida, sem embargo do sr. ministro do reino ter posto n'ella todo o seu cuidado e empenho.

Ha quem diga que as eleições municipaes sempre serão feitas pela nova lei, mas que só se verificarão em janeiro.

O partido realista cada dia perde algum dos seus velhos soldados. O sr. conde de Pombeiro, que era um dos mais firmes sectarios d'este partido, acaba de entregar a alma ao creador na sua quinta de Bellas, onde falleceu sexta feira ultima.

Os seus compartidarios fizeram-lhe um digno saimento.

Ha n'esta cidade um individuo que se diz inventor de certa pomada da maior efficacia contra as molestias de pelle. Este cavalheiro, que se appelida Porciuncula, ha muitos mezes que tinha uma especie de consultorio, a que concorria uma infenidade de achacados de molestias herpeticas. Até ao principio d'este mez não tinha o sr. Porciuncula estabelecido preço para o tratamento dos doentes, e até dava a sua pomada de graça, mas n'esta época estabeleceu 1$000 réis por cada consulta, e 100 réis para a pomada.

O conselho de saude publica julgou agora dever intervir na questão, e no dia 17 do corrente mandou o seu delegado de saude, o sr. Mesquita, acompanhado pelo regedor da freguezia de S. José, e alguns cabos de policia, dar busca ao consultorio, e aprehender os remedios que encontrasse.

Esquecia-nos dizer que o sr. Porciuncula, antes de estabelecer o preço das consultas, para tornar legal o seu consultorio, tinha chamado para elle um medico muito conhecido n'esta localidade, o sr. Lucas de Sá, o qual foi lá encontrado quando se deu a busca.

O conselho de saude tambem passou busca á botica do sr. Delicioso, aonde eram aviadas algumas receitas do sr. Porciuncula para as molestias herpeticas.

O procedimento do conselho tem dado logar a grande celeuma dos jornaes, que quasi todos o censuram; nós, sem emitirmos a nossa opinião sobre a fórma, diremos sómente que o conselho de saude não só tem direito, mas até obrigação de fiscalisar todos os estabelecimentos aonde se vendem remedios, e de fazer analysar aquelles de que desconfia.

Ficâmos hoje por aqui, e veremos em que isto pára.

Acha-se actualmente nas aguas do Tejo uma esquadra ingleza, cujo navio almirante é o «Monotauro». E' uma soberba embarcação; tem 5 mastros, e mede de cumprimento 400 pés inglezes; de força de 1.350 cavallos; póde andar por hora 14, 36 milhas; é guarnecido por 7.05 praças; 22, d'entre as 26 peças com que é montada, repellem balas de 100 libras, cada uma das quaes é movida por 30 libras de polvora; alem d'estas tem 4 peças que lançam balas de 270 libras. Para mover as peças de maior calibre são necessarios 6 homens.

O «Monotauro» é digno de se vêr, e tem sido visitado por muitos curiosos.

Hontem, por todas as ruas d'esta capital, se viam soldados e marinheiros inglezes; andaram em terra com licença por 48 horas, mil e duzentos homens. Quem ganhou muito com isto foi a praça do Campo de Sant'Anna e o Circo de Price.

Como tinhamos previsto foi assignado no dia 17 o decreto pelo qual é concedido á actual empreza do caminho de ferro do norte o continuar a explorar aquella via até que o governo tome uma resolução definitiva sobre a sua adjudicação.

As principaes noticias de Timor e que alcançam a 20 de junho são as seguintes:

O governador do districto foi obrigado a estabelecer-se nas montanhas de Vequegne em consequencia das febres que o acommetteram; teve de reunir tropas para apasiguar uma revolta dos povos de Vemape contra os de Laleia, e depoz o rei de Vemape por ter sido elle o principal motor da revolta, nomeando para o logar deste o seu substituto. O governador visitou depois os reinos de Fatusó e Larau.

Tem progredido muito em Timor a cultura de caffé e nas montanhas ha grandes arrozaes e muitas searas de trigo e de milho.

* * *

Annuncios

Pelo cartorio do escrivão Leite Ribeiro, na execução que a confraria do Santissimo da Vera-Cruz, desta cidade, move a Anna Clara d'Almeida, viuva de Antonio dos Santos Freire, e filhos desta mesma cidade; se ha de arrematar no dia 3 de novembro do corrente anno, nas sallas do tribunal deste juizo de direito, pelas 11 horas da manhã, uma quinta sita na Preza Pequena, que consta de terra lavradia, e vinha e parte do nascente com os herdeiros de Ignacio Xavier, e do poente com com a estrada publica; avaliada em 144$000 rs. (139)

Quem pretender comprar pedra e tijolo póde dirigir-se ao Terreiro a casa do ex.mo sr. visconde d'Almeidinha, onde se vende por preço razoavel.

José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot, legalmente habilitado para ensinar particularmente alguns preparatorios, continua a leccionar este anno as mesmas disciplinas que nos annos anteriores e por os mesmos preços.

SABONETES
DE
ALCATRÃO

Estes excellentes sabonetes, que tanta procura tem tido pelas suas applicações medicinaes, continúam-se a vender na antiga loja de A. Pinheiro & C.ª — debaixo dos Balcões n.º 13

VENDE-SE stearina de 4, 5 e 6 vellas em cada pacote na loja de A. Pinheiro & C.ª — rua dos Mercadores:

Na mesma se vende tambem excellente perafina de côres.

Paris 125, Boulevart Magenta. — Ph. Français 4 Rue Mazet. — Depôt à Londres, Chez JOZEAU.

COPAHINE MÉGE

DEPOSITOTES DES PHARM. DE FRANCE ET DE L'ETRANGER

G. JOZEAU, FARMACEUTICO

125, boulevard Magenta, em PARIS.

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, he desde mais de 26 annos, o tratamento o mais **facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contra toda volta da molestia.—A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-ô das imitações fraudulentas. Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.

O PANORAMA

Semanario de litteratura e instrucção

Publicou-se o 42.º numero do 2.º volume da 5.ª serie, contendo varios artigos e adornado com duas gravuras, a 1.ª, Dobadeiras seda, e a 2.ª Um quadro de Pareja.

Subscreve-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscrita ao administrador desta folha — *Miguel Soares Monteiro.*

Assignatura por anno..... 1$300 réis
Estampilhado..... 1$560 »
» Semestre..... $650 »
» Estampilhado..... $780 »

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero no acto da entrega ou avulso 30 réis.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

AGENCIA
DO
CLERO E PROFESSORADO
DE
FONSECA & SALLES

Rua dos Fanqueiros, 207, 2.º

Promove com a maior solicitude o andamento e resolução de todos os negocios dependentes da Santa Sé, Nunciatura Apostolica, das Camaras Ecclesiasticas, Secretaria de Estado, Tribunaes, Camaras Municipaes, Cartorios de todas as freguezias do reino, etc., a troco de uma remuneração modica, muito inferior á que costuma arbitrar-se para os outros estabelecimentos desta natureza.

O escriptorio está aberto desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E' representante desta agencia em Aveiro — **F. V. B de Magalhães.**

Responsavel — M. A. L. DE MESQUITA.

Typ. do «**Districto de Aveiro.**